Revista Espaço Acadêmico – n. 219 – nov./dez. 2019 – bimestral
ANO XIX – ISSN 1519.6186

"*Rádio Benjamin*": as narrativas radiofônicas de Walter Benjamin e uma pedagogia antifascista

RUI BRAGADO SOUSA*

Resumo: O artigo analisa as narrativas radiofônicas de Walter Benjamin, traduzidas no Brasil com o título "A hora das crianças". Procura-se compreender a motivação do autor judeu-alemão em falar ao público infantil durante a dramática década de 1920 na Alemanha da República de Weimar, de crises econômicas e ascensão do fascismo. A crítica da modernidade, da noção de progresso contínuo, da técnica capitalista em Benjamin não poderia ser apreendida sem uma discussão sobre os impactos do rádio na sociedade alemã, como ferramenta pedagógica libertária em contraposição a sua apropriação como instrumento de propaganda, pelos nazistas. Nesse processo, verifica-se o protagonismo da criança na obra de Benjamin e o pioneirismo do campo acadêmico denominado atualmente como "Sociologia da Infância". Em discussão paralela com o restante de sua produção intelectual, a análise da infância constitui fundamentos para uma "pedagogia libertária" no sentido da "emancipação" descrita por Theodor Adorno, voltada para a autonomia do indivíduo, com forte teor antiautoritário e antifascista.

Palavras-chave: Radiopeça; Sociologia da infância; Educação libertária.

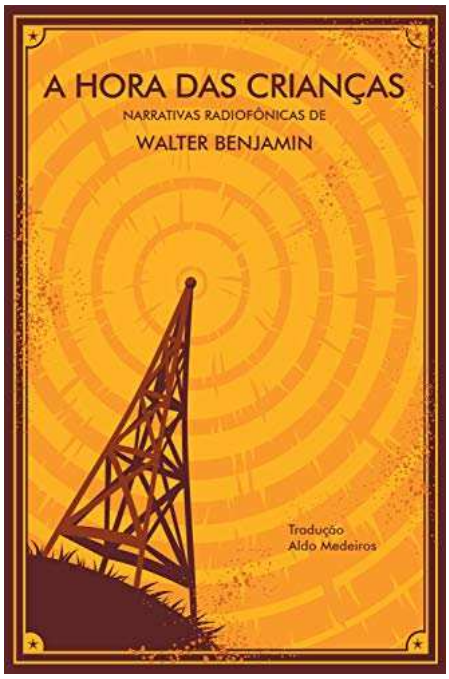
***Benjamin's Radio*: Walter Benjamin's radio narratives and an antifascit pedagogy.**

Abstract: This article analyzes and discusses the concepts in Benjamin's radio narratives, translated in Brazil under the title of 'The Children's Hours'. We seek to understand the motivation of the German philosopher to address the themes of childhood in 1920s in the Weimar Republic, period of economic crisis and the rise of fascism. Benjamin's critical feature of modernity and progress cannot be understood without a discussion of the impacts of radio on German society. It is a libertarian pedagogy in opposition to the appropriation of the radio as a propaganda tool by the Nazis. On the process of analysis, the protagonism of the child in Benjamin's works and the pioneering concept of the sociology of childhood are verified. These factors underlie a libertarian pedagogy, focused on the emancipation and autonomy, with anti-authoritarian and antifascist content.

Key words: Hörspiele; Childhood Sociology; Education;

* **RUI BRAGADO SOUSA** é doutorando em Educação (UEM).

"O padrão pedagógico do Ocidente venha de Fénelon ou de Jean-Jacques, dá sempre, em qualquer casa, em qualquer família constituída, a educação do príncipe"
(Oswald de Andrade, Obras completas).



Introdução:

A análise crítica da técnica e dos modernos meios de comunicação e reprodução da imagem e som são temas bastante conhecidos na densa obra de Walter Benjamin. Do "simples" acender do fósforo como experiências táteis e o *click* do fotógrafo com o inconsciente ótico, articulando-os com a reprodução técnica da arte como forma de "experiências de choque", há a enunciação de conceitos inéditos com a originalidade que inserem o pensador alemão entre os grandes nomes da filosofia do século XX. Da mesma forma, seus trabalhos sobre brinquedos, ludicidade e cultura infantil vem despertando o interesse dos pesquisadores da Educação. Já nessas reflexões há o pioneirismo de Benjamin sobre conceito de infância como algo "construído historicamente", desenvolvido posteriormente de forma sistemática por Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família*. Contudo, poucos pesquisadores conseguiram sair do hiato entre teoria e a prática, isto é, conceber de forma dialética a preciosa contribuição de Benjamim para o ensino infantil e sua crítica da modernidade através da crítica à técnica industrial.

Desde os trabalhos de juventude de Benjamin, como "A vida dos estudantes", de 1915, até as obras tardias como os textos sobre Baudelaire há uma relação dialética entre a infância e temas "adultos", com a crítica literária, a estética da arte e a historiografia. O lúdico, a mimese, os jogos, as brincadeira constituem parte de seu método filológico, isto é, a inserção da alteridade, dos excluídos, dos sem-nome na história e na literatura. Já nos escritos pioneiros de 1914-15 há o desejo de renovação espiritual e material da sociedade, a recusa radical de não "vender a alma à burguesia". Mas

poucos estudiosos legaram devida atenção ao seu perfil de brilhante... pedagogo.[1] Nesse sentido, procura-se demonstrar o método e as formas de elaboração e narração das peças radiofônicas e a utilização de um extraordinário meio de comunicação para a educação popular. É esta a tarefa deste artigo, apreender a *práxis* pedagógica do legado de Benjamin para a educação e o ensino, em sintonia com sua análise técnica do rádio.

Em *Infância berlinense: 1900*, Benjamin, como criança, produz uma mudança radical sobre o conceito de autobiografia, através de construções imagéticas ou "imagens dialéticas" como ele mesmo as define. Ao buscar as memórias no próprio inconsciente infantil, Benjamim privilegia o universo onírico, dos sonhos, a magia da infância em sua plenitude. Com essa alteridade ele encontra a voz da "não linguagem" da "não razão", pois etimologicamente a palavra infância remete ao período anterior a fala (do latim *infantia*, ou antes da fala). Ele procura "apoderar-se das *imagens* nas quais se evidencia a experiência da grande cidade por uma criança da classe burguesa" (BENJAMIN, 2017, p. 70).

Essas reflexões teóricas de Benjamin sobre a infância podem ser analisadas na prática, nas narrativas radiofônicas direcionadas ao público infantil. Textos que foram escritos e narrados pelo próprio Benjamin entre os anos de 1927 e 1932 e apresentadas em duas rádios alemãs em programas com cerca de vinte minutos de duração. *A horas das crianças*[2] é formado por vinte e nove pequenos textos redigidos em forma palestras radiofônicas, traduzidos diretamente das obras completas de Walter Benjamin em alemão, organizadas por Rolf Tiedermann. Mas a questão que deve ser feita antes da análise o livro é por que Benjamin interessou-se pela cultura infantil e juvenil em um período catastrófico na Alemanha, de crises econômicas e de tensões políticas com a escalada nazista? A resposta parcial a esta questão só pode ser evidenciada em justaposição com o restante de sua produção intelectual, sobretudo a tese de livre-docência ou *Habilitation*, o famoso e complexo *Origem do drama barroco alemão*.

Para Bernd Witte, biógrafo de Benjamin, ele pretendia utilizar o aparato de produção técnica para se contrapor ao "crescimento desmedido de uma mentalidade de consumidores", estimulando o ouvinte à produção independente através da forma dos programas. Um rádio assim refuncionalizado, transformado em *médium* dialógico, deveria essencialmente ultrapassar a "separação entre realizador e público", tornando-se com isso o modelo de uma nova "arte popular". A tradição do Esclarecimento [*Aufklärung*], no qual ele se situa nessas reflexões sobre o rádio, é evidenciada de forma didática nas radiopeças. A tentativa de transformar o aparato a serviço da diversão e do entretenimento em um instrumento de comunicação que deveria promover o autoesclarecimento da esfera pública tinha de permanecer uma utopia, tanto naquela época como agora, mas uma utopia cujo significado social era ainda mais irrecusável do que

[1] Pedagogo não no sentido *strictu-sensu*, restrito à formação pedagógica. Mas na definição mais ampla e abrangente da pedagogia enquanto teoria da educação, que busca equacionar o problema da relação entre o educador e o educando, de modo geral, ou no caso específico da escola, a relação entre professor-aluno, orientando assim o processo de ensino e aprendizagem. (SAVIANI, 2011, p. 401).

[2] Como foi intitulada no Brasil. Em outros países a mesma obra é citada como "*Radio Benjamin*".

aqueles das peças didáticas com as quais Brecht na mesma época procurava abrir ao teatro uma função pedagógica. Os trabalhos jornalísticos e político-midiáticos de Benjamin nesses anos foram de fato determinados crescentemente pelo intenso intercâmbio intelectual com Brecht.[3] (WITTE, 2017, p. 94).

Fundamentação de análise: a Sociologia da infância

Há uma aproximação entre a análise sociológica da infância em Benjamin e seu método historiográfico. O vislumbrar *outras* viagens, "ouvir ou inaudito", "tocar o intocado", ou seja, os produtos residuais da infância que estão sempre se reordenando em formando algo novo, constituem também o ofício do historiador. O método da história é um método filológico, escreve Benjamin (2012, p. 184), "Hofmannsthal fala em 'ler o que nunca foi escrito'. O leitor que assim lê é o verdadeiro historiador," ele complementa. "A construção histórica é dedicada à memória dos sem nome",[4] escreve nas notas às Teses "Sobre o conceito de história", uma vez que a figura do próprio historiador assemelha-se ao do catador, isto é, fazer história dos detritos da história. "A história, para Benjamin, é aproximada do modelo do colecionador e daquele do *Lumpensammler*, o catador de papéis" (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 52). O historiador que salva os "detritos" da história visa à interrupção de seu curso, o que chamamos de progresso. Esta base teórica será aplicada na apreensão de *A hora das crianças*.

Benjamin recusa os modelos meramente evolucionistas – tanto liberais como marxistas – que acreditam em um avanço constante do devir da história. Ele opôs a esse modelo a imagem da história como acúmulo de *catástrofes*. Da mesma forma, ele rejeita a cultura enquanto sinônimo da civilização; para Benjamin, a barbárie está inserida no próprio conceito de cultura (SELIGMANN-SILVA, 2010; LÖWY, 1989, 2005). Como crítico ferrenho da modernidade, da concepção linear de progresso que levava a Europa invariavelmente rumo a barbárie, é natural seu interesse pelas gerações vindouras, capazes de inverter a "ordem do *caleidoscópio*", conforme a preciosa alegoria que remete à infância o protagonismo em uma época de catástrofes:

> O processo da história, tal como se apresenta no conceito da catástrofe, não pode solicitar mais atenção do pensador que o caleidoscópio nas mãos de uma criança, no qual a cada rotação tudo o que estava em ordem se desmorona para formar outra ordem. A imagem tem a sua razão de ser, e bem fundada. Os conceitos dos dominantes foram sempre os espelhos graças aos quais se formou a imagem de uma outra "ordem". O caleidoscópio tem de ser quebrado (BENJAMIN, 2015, p. 156).

O protagonismo infantil numa conjuntura de tragédias anunciadas os coloca no centro de construção de um mundo novo, capazes de inverterem a ordem social construída pelo fascismo, quer seja de caráter jurídico, pedagógico, social, político, enfim, cultural. Esse destaque conferido por Benjamin às

[3] Em uma conferência transmitida em 27 de junho de 1930 pela Rádio Sudoeste da Alemanha, em Frankfurt, ele apresentou Brecht aos seus ouvintes como "educador, político e organizador", e o seu alter ego, o senhor Keuner, como arquétipo do "líder". A colaboração intensa com o dramaturgo alemão levou Benjamin ao projeto de uma revista intitulada Crise e Crítica. Por razões financeiras, no entanto, o projeto não chegou à prática. (WITTE, 2017).

[4] Esta passagem remete indiretamente para a etimologia da palavra infância (*in-fans*, ou antes da fala).

crianças assemelha-se hoje ao conceito em construção denominado "Sociologia da infância", que integra um campo mais amplo chamado "cultura da infância". A metodologia de Walter Benjamin, ao aproximar temas aparentemente distantes como política e religião, teologia e materialismo histórico, volta-se para os excluídos da história, para os sem voz e "sem-nome" (crianças, prostitutas, mendigos, proletários). Método este que pode ser sintetizado na fórmula "escovar a história a contrapelo" (BENJAMIN, 1994, p. 229). O protagonismo da criança visando a alteridade possuí relação de aproximação e consonância com os temas da sociologia da infância atual.

A sociologia da infância[5] visa compreender as práticas sociais da criança a partir de si mesmas, escapando de uma perspectiva "adultocêntrica". Procura-se estabelecer ou construir uma pedagogia da diferença, da escuta, do lúdico, das brincadeiras, para compreender o mundo infantil, complexo em suas relações miméticas, e em que medida tais relações constituem algo como uma "cultura da infância". A pesquisadora Ana Lúcia Goulart de Faria (Unicamp) destaca que "desde Walter Benjamin já vem sendo construído outro conceito de criança: capaz, produtora de cultura, portadora de história". Para além do filho ou do aluno (perspectiva adultocêntrica), a preocupação dos atuais pesquisadores é dar à criança as condições para participação como ator social e, para isso, dar voz e protagonismo às pessoas de pouca idade. Seu objetivo é compreender o que as crianças têm feito ao longo da história, continuamente e até repetitivamente, que os adultos ainda não conseguem entender. (FARIA, 2009).

A questão que se coloca é como dar voz ao chamado "mudo" da história? Inicia-se, então, conforme Sarmento, "um olhar caleidoscópico sobre a sociologia, no sentido de identificar a presença da infância no desenvolvimento do pensamento sociológico e descortinar as razões para sua gritante ausência nas correntes clássicas de sociologia" (*apud* FARIA, 2009, p. 23). Manuel Jacinto Sarmento e Manuel Pinto, do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, buscam dar voz à criança com o objetivo de uma "autonomia conceitual" que pressupõe o descentramento do olhar do adulto como condição de percepção das crianças e de inteligibilidade da infância. A metodologia utilizada deve ter por principal escopo dar ênfase a voz às crianças, isto é, a expressão da sua ação e da respectiva monitoração reflexiva. Além da técnica, o sentido geral da *reflexibilidade investigativa* constitui princípio metodológico central para que o investigador adulto não projete o seu olhar sobre as crianças.

É nesse sentido que a análise minuciosa e atenta da obra benjaminiana possibilita a construção de práticas pedagógicas emancipadoras[6] para a educação infantil.

[5] São trabalhos pioneiros nesta temática: Florestan Fernandes, As "trocinhas" do Bom Retiro. In: FERNANDES, Florestan. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1979. MARTINS, José de Souza (Coord.) O massacre dos inocentes: as crianças sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1991. Martins demonstra como a sociologia não estuda[va] as crianças. O livro foi o marco reflexivo sobre essa temática, apontando que a sociologia não incorpora[va] as crianças. "Nós não estudamos as crianças e é importante refletir sobre essa questão".

[6] Recuperando o itinerário intelectual de Benjamin é possível encontrar influência de temas libertários ligados ao anarquismo, como sustenta Michael Löwy (2017). De acordo com o sociólogo franco-brasileiro, as obras do pedagogo Francisco Ferrer, fundador da escola moderna, fuzilado pela justiça militar espanhola em 1909 e do educador libertário suíço Henri Roorda, autor de "O pedagogo não gosta de

Ela contribui para a construção de um espaço diferenciado da infância contemporânea, que possibilite às crianças experiências reais de vida, na descoberta do mundo, de si próprias e do outro. Um espaço que lhe oportunize a exploração do mundo, em vivências reais, de ação e reflexão, de crescimento e desenvolvimento, através da mimese e do lúdico; a realização plena de sua infância, em suma. Sustenta-se, pois, que a infância e a pedagogia constituem tema central no pensamento benjaminiano, tema este que deve ser analisado em consonância com o restante de sua produção intelectual, compreendendo a tragédia do nazismo, de Auschwitz, e também direcionando-os para os problemas e dilemas da técnica e da educação contemporânea.

A hora das crianças: narrativas radiofônicas

A pergunta que deve ser feita antes da análise o livro *A hora das crianças* é por que Benjamin interessou-se pela cultura infantil e juvenil em um período catastrófico na Alemanha, de crises econômicas e de tensões políticas com a escalada nazista? Esta questão não é muito simples de ser elucidada, mas ao final propomos uma hipótese interpretativa. Nesse momento basta dizer que, naquela época [1927-32] Benjamin passava por uma grave crise financeira, assim como a maioria da população alemã, e o rádio recém inaugurado naquele país poderia ser uma fonte de renda extra (KONDER, 1989, p. 48). Esta resposta parcial é insatisfatória,[7] pois conhecemos o engajamento de Benjamin e sua crítica aos historicistas e a sua isenção despretensiosa, disfarçada com a erudição cansativa. A resposta, portanto, só pode ser evidenciada após um exame detalhado do livro em sintonia com a análise do método benjaminiano.

Rita Ribes Pereira, uma das organizadoras da edição, afirma com razão que os textos radiofônicos de Benjamin apresentam de forma "miniaturizada" os grandes temas que perpassam sua produção intelectual, isto é, a junção de magia e técnica, arte e política, cultura e barbárie. Conceitos aparentemente contraditórios e antitéticos, mas que conservam em Benjamin uma "reversibilidade recíproca" entre teologia e política, da qual fala Michael Löwy (2005). Esta aproximação pode ser observada numa alegoria nas notas preparatórias para as Teses "Sobre o conceito de história": "Meu pensamento se comporta em relação à teologia como o mata-borrão em relação à tinta. Ele está todo impregnado dela. Mas se fosse ocorrer segundo o mata-borrão, aí não sobraria nenhum resto do que está escrito" (BENJAMIN, 2012, p.181). A relação teológico-político é evidente desde a estética do fascismo em Benjamin,[8] até na análise de temas aparentemente

crianças", permitem uma reflexão revolucionária na educação. Löwy não afirma que Benjamin leu ou conheceu tais escritos, pois esses autores não são citados em suas obras. Contudo, é notória a influência do anarquismo em suas obras de juventude, assim como do surrealismo.

[7] Segundo Witte (2017, p. 93), a atividade de Benjamin como radiojornalista não era de modo algum uma simples atividade paralela com o propósito de ganhar dinheiro. Pelo contrário, sendo um dos pioneiros desse novo *médium*, ele elaborou aí as experiências que o possibilitaram formular uma teoria da obra de arte não aurática nos grandes ensaios da época do exílio.

[8] Benjamin (2013, p. 163) vê a ascensão do fascismo na Alemanha não apenas em termos políticos ou econômicos: em sua "Crônica dos desempregados alemães", afirma que o fascismo "é algo como sua imagem inversa, o aparecimento do anticristo. Como se sabe, este arremeda a bênção que foi anunciada como messiânica. Assim sendo, o *Terceiro Reich* arremeda o socialismo".

corriqueiros, como uma pintura rupestre do período paleolítico, descrito como "um instrumento de magia", ou o chocalho de recém-nascido que é analisado não apenas como um brinquedo para estimular a audição, o primeiro sentido a ser excitado, mas como um instrumento "para afastar os maus espíritos" (BENJAMIN, 1994, p. 173; 250).

No geral, *A hora das crianças* é composta por vinte e nove peças radiofônicas e divide-se em três eixos temáticos. A primeira parte do livro pode ser descrita como a dialética entre a tradição e o mundo moderno, onde Benjamin compara o dialeto berlinense, o comércio e as feiras de rua, na Berlim antiga e moderna, o tradicional teatro de marionetes, os parques da cidade – que também estão presentes em obras como "Infância berlinense", "Imagens do Pensamento" e "Rua de mão única".

A segunda parte, na qual se pode dividir a obra, está relacionada à literatura e à cultura alemã daquele período. A crítica literária está no centro de toda produção benjaminiana sobre a arte, desde a tese de doutoramento sobre o Romantismo alemão, uma monografia em torno de Schlegel e Novalis, até os ensaios sobre os escritores Marcel Proust, Franz Kafka, Nicolai Leskov e Charles Baudelaire, além é claro de uma biografia de Goethe e um ensaio sobre suas *Afinidades eletivas*. De fato, o pequeno texto intitulado *Doutor Fausto* é uma miniatura do clássico de Goethe, em linguagem apropriada ao público infantojuvenil. A literatura fantástica e os contos de horror que tanto seduziram Benjamin, estão representados em *A Berlim demoníaca*, uma descrição tão próxima do original – do escritor E.T.A. Hoffmann – que faz o leitor com maior sensibilidade sentir arrepios (imagine-se o ouvinte). Outros temas típicos da cultura berlinense surgem nos mistérios de *Caspar Hauser*, na história dos ciganos e na prática dos bandoleiros na antiga Alemanha.

Mas o objeto das narrativas de Benjamin não é apenas a cultura erudita, pelo contrário, a cultura popular ocupa lugar de destaque no livro. Essa preocupação com a arte popular reaparece posteriormente [1937] num ensaio sobre o historiador e colecionador Eduard Fuchs, pioneiro na utilização de fontes alternativas ou pouco ortodoxas, como a caricatura e o erotismo, na análise da sociedade burguesa europeia após 1848. Há uma clara preocupação em intercalar a cultura "superior" e aquela das classes populares;[9] entre Goethe e Theodor Fontane há narrativas sobre a *Borsig* (então a maior indústria alemã) e uma *Visita à fábrica de latão*. O rádio, nova forma de comunicação em massa, popularizou formas de conhecimento antes inacessíveis ao grande público.

Pedagogicamente é possível apreender alguns conceitos nesse ínterim cultural. Imaginemos começar uma aula sobre os *Processos contra as bruxas* [uma das narrativas] com a introdução da história de João e Maria e a desconstrução da imagem pejorativa que as bruxas

[9] No texto "*Dois Tipos de Popularidade: observações básicas sobre uma radiopeça*", escrito em 1932, Benjamin afirma que "antes do surgimento do rádio, quase não se conheciam meios de divulgação que fossem propriamente populares ou correspondessem a finalidades de educação popular" (BENJAMIN, 1986, p. 85). Para o autor, o rádio se apresentava como um meio de comunicação para a apropriação do conhecimento pelo conjunto da sociedade, que era excluído do acesso ao conhecimento porque a "pesquisa científica transmitia seus progressos para os especialistas". No mesmo artigo Benjamin (1986, p. 85) anotou: "a popularização ultrapassou o caráter da intensão filantrópica e se tornou uma tarefa com leis próprias de essência e forma".

herdaram da Idade Média. Aparentemente uma análise ingênua, o texto mescla os processos da inquisição e o famoso *Malleus Meleficarum* [O martelo das feiticeiras] como manual para descobrir e punir os hereges. "Mas se vocês quiserem um esboço rápido, de certo modo uma introdução à vida das bruxas" – diz Benjamin – "então vocês devem se dedicar à leitura da peça 'Macbeth', de Shakespeare". Em sentido semelhante, na narrativa sobre a queda da *Bastilha*, a antiga prisão nacional da França, além de fazer toda a cronologia da famosa fortaleza para presos políticos, Benjamin descreve documentalmente desde as curiosas formas de comunicação inventadas pelos prisioneiros, até as lendas do homem da máscara de ferro. Com notoriedade, Benjamin (2015, p. 99) conclui que "as crianças querem evidentemente conhecer tudo. E se os adultos só mostram a elas o lado bem comportado e correto da vida, elas logo vão querer conhecer o outro lado por si mesmas".

Por fim, o terceiro e último eixo temático representa ao mesmo tempo um enigma e a chave para compreensão da motivação de Benjamin para falar ao público infantil. As últimas dez narrativas radiofônicas abordam temas distintos das anteriores, repentinamente. Dois textos rompem com a tradição cultural e os costumes alemães, são eles: *Cagliostro*, um conhecido charlatão e vigarista europeu do século XVIII, e *As fraudes em filatelia*, ou as falsificações entre os colecionadores de selos. Lembremos que a *interrupção* não é algo que ocorre a esmo na filosofia benjaminiana, ela tem um objetivo, assim como as pausas ou cesura no teatro de Brecht. Oposta à concepção estritamente *quantitativa* da temporalidade, que percebe o movimento da história como um *continuum* de aperfeiçoamento constante, de evolução irreversível, da acumulação crescente, da modernização cujo motor reside no progresso científico, técnico e industrial, em suma como contraponto ao paradigma do progresso, Benjamin valoriza as rupturas, o descontínuo, através do conceito de "Origem".

A *Origem* é um protofenômeno no sentido teológico, quer seja ele o Paraíso ou o Comunismo primitivo, ele representa uma idade edênica e igualitária na Terra. A Origem não é só *Entstehung*, um surgimento, um nascimento milagroso, mas sobretudo, *Ursprung*: momento original que sempre se renova. Daí a frase misteriosa de Walter Benjamin: "*Ursprung ist der Ziel*", isto é, "A origem é o alvo". Literalmente são "saltos" para fora da continuidade histórica linear que rompem com o desenvolvimento meramente evolucionista da História (BENJAMIN, 2011). Voltaremos ao conceito de "Origem" mais adiante.

Na sequência dos textos sobre vigarices e fraudes, Benjamin parece anunciar uma *catástrofe* com as narrativas sobre "A destruição de Herculano e Pompeia, O terremoto de Lisboa, O incêndio do teatro de Cantão, O desastre ferroviário da ponte do Rio Tay, A enchente do rio Mississipi em 1927", e conclui com as curiosas "Histórias reais sobre cães", onde expõe a sensibilidade e o instinto do animal para reconhecer caráter, para aprender, e até para prever *"terremotos"*, antes mesmo dos sismógrafos. Esses textos possuem uma conexão e um objetivo e podem ser compreendidos desde que o método benjaminiano seja desvendado.

No final da década de 1920, a problemática do fascismo às portas do poder ganha destaque nas obras de Benjamin. Para romper com a reificação do moderno trabalhador industrial, com

a crença ilimitada no progresso da técnica, com a concepção de tempo linear, homogêneo e vazio, para "mobiliar para a revolução as energias da embriaguez", Benjamin desenvolve o conceito de "interrupção messiânica". É esse conceito de interrupção da história, associando luta de classes e teologia, marxismo e messianismo, também definido como cesura, que interliga toda sua produção intelectual. Era necessário, pois, explodir o *continuum* da história. Seu método composto por alegorias[10] e aforismos[11] privilegia o uso de imagens, como ocorre no livro das *Passagens*. Michael Löwy o descreve como "crítica teológica" ao tempo mecânico, o que constitui um dos fundamentos filosóficos de sua rejeição às ideologias do progresso. Para Walter Benjamin, não se pode pensar nenhum acontecimento empírico isolado que não tenha uma relação necessária com a *constelação* temporal específica em que acontece. Mas o tempo da história é diferente do tempo da mecânica, ele pondera. O tempo dos calendários ou dos ponteiros do relógio não contém o que ele chama de "tempo preenchido", pois são mecanicamente ascendentes, quantitativos, em detrimento do tempo vivido, ou da experiência. "A esta ideia do tempo preenchido chama-se na Bíblia – e esta é a sua ideia histórica dominante – o tempo messiânico" (BENJAMIN, 2011, p. 262).

Esta ideia de *interrupção* pode ser melhor compreendida em sintonia com o conceito de "Origem" [*Ursprung*]*:* "O que é próprio da origem [e não gênese] nunca se dá a ver no plano factual, cru e manifesto. O seu ritmo só se revela a um ponto de vista duplo. A origem (...) tem a ver com a pré e pós-história dos fatos" (BENJAMIN, 2011, p. 34). O conceito de "Origem" é certamente bastante complexo e obscuro. Segundo o filósofo Romero Freitas, especialista na obra de Walter Benjamin no Brasil, uma estratégia interessante é entendê-lo como uma espécie de "estrutura" histórica, algo como uma ideia platônica, porém historicizada, ou seja, a *Ideia* em Benjamin não é uma mera representação do espírito, ela possui uma realidade sensível. Para Márcio Seligmann-Silva (2008), *Ursprung* – literalmente proto-salto – significa saltar e fazer pontes entre fragmentos da redenção, isto é, uma rememoração do evento original que se transforma em tradição cultural. Jeanne Marie Gagnebin (1999, p. 10) reitera que *Ursprung* designa a origem como salto [*Sprung*] para fora da sucessão cronológica niveladora e linear tradicional; pelo seu surgir, a origem quebra a linha do tempo.[12]

Uma vez compreendido o método benjaminiano, sobretudo o conceito de

[10] "O sentido literal não é o sentido verdadeiro. Deve-se aprender uma outra leitura que busque sob as palavras do discurso seu verdadeiro pensamento, uma prática que os estoicos chamam de *hyponoia* (subpensamento) e à qual Filo de Alexandria dará seu nome definitivo de alegoria (de *allo*, outro e *agorein*, dizer)". (GAGNEBIN, 2009, p. 34).

[11] "Um aforismo jamais coincide com a verdade; ou é uma meia verdade ou uma verdade e meia", segundo o mestre nesse estilo literário, Karl Kraus.

[12] Outro grande referencial sobre Walter Benjamin é Giorgio Agamben. Desde 1978, em "Infância e história", o filósofo italiano se debruça sobre este complexo autor. No seminário "O que é contemporâneo" (2009), ele retoma as indagações de Nietzsche em "Considerações intempestivas", acerca da diacronia, da não-coincidência do tempo histórico. "(…) A via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia que não regride, no entanto, a um passado remoto, mas a tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver e, restando o não vivido, é incessantemente relançado para a *origem* sem jamais poder alcançá-la" (AGAMBEN, 2009, p. 70).

"Origem", pode-se pensar numa hipótese que o motivou a falar ao público infantojuvenil. Os textos catastróficos que predominam na terceira parte do livro parecem anunciar o próprio *Apocalipse*, com a chegada de Hitler ao poder. Antes desses "terremotos", surgem deliberadamente os artigos sobre trapaceiros, charlatães, falsificadores [Cagliostro]; é como se Benjamin construísse, em forma de aforismos, a imagem de um impostor e a impotência em deter sua ascensão. A imagem alegórica dos cães, que surgem em pelo menos três textos, evidencia a perda da percepção na era moderna, descrita no ensaio "Experiência e pobreza": "nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadoras que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, e experiência moral pelos governantes". Lembremos também da influência freudiana em Benjamin, mas não a mera reprodução do inconsciente pulsional, pelo contrário, ele busca resgatar o inconsciente óptico, tátil, *perceptivo*, como demonstra o livro de Sérgio Paulo Rouanet (1981) sobre os itinerários freudianos em Walter Benjamin, bem intitulado *Édipo e o Anjo*.

Em suma, boa parte das narrativas infantis sintetiza o centro da filosofia benjaminiana, desenvolvida no ensaio sobre *Eduard Fuchs* e nas *Teses* "Sobre o conceito de história". O conceito de que todo documento de cultura é também um documento de barbárie. Ele sabia do fracasso iminente em deter os nazistas: "Nossa geração teve de pagar para saber, pois a única imagem que irá deixar é a de uma geração vencida. Será este o seu legado aos que virão", anotou Benjamin nas notas preparatórias às Teses. As crianças representam, assim, a esperança; suas tradições e cultura sintonizam a vontade utópica, na qual o sonho primordial e a "luz do futuro" se fundem.

O rádio, recente *médium* de comunicação, assim como o cinema, foi apropriado pelos nazistas como instrumento de propaganda em massa, ao ponto do próprio Hitler afirmar que não teria conquistado a Alemanha sem os alto-falantes e o rádio (SANCHES, 2018, p. 101). No ensaio sobre *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Benjamin ressalta o papel inovador das novas formas de transmissão e reprodução da imagem com o cinema, e do som da voz humana com o rádio. Com ele, a amplitude do discurso falado extrapola os limites do Parlamento, atrofiando-o, e atinge o próprio público que, enquanto ouvinte, tem a impressão ilusória de que faz parte do sistema político, o que Benjamin (1994, p. 184) chamou de "estetização da política".[13] Ao permitir que as classes trabalhadoras se expressassem teoricamente, o nazismo lhes restringia a participação de fato, democrática, na política.

A esta apropriação nefasta das novas formas técnicas de comunicação e propagada, Benjamim opôs a seu modo uma "Pedagogia libertária", contrapondo e denunciando o que ele denomina de "Pedagogia colonial". A massificação da propaganda pelo partido nazista, seu método de persuasão quase religioso, tinha por objetivo preparar os jovens à doutrina fascista e a aderir a chamada "juventude hitlerista". "A pedagogia proletária demonstra sua superioridade ao garantir às crianças a realização de

[13] "[...] todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra" (BENJAMIN, 1994, p. 195).

sua infância", pois uma sociedade produtora de mercadorias, vê a educação com desenvoltura tão lamentável, apenas "enquanto mercado colonial para bens culturais" (BENJAMIN, 2009, p. 118, 148).[14] A realização plena da infância em Benjamim ocorre através do teatro, do jogo, do brincar, de forma lúdica.

Contra acusações de "politização da criança" ou "idealismo pedagógico de fachada revolucionária", Benjamin (2009, p. 123) responde exemplarmente: "será que a escola primária profissionalizante, militarismo e Igreja, associações de juventude e escoteiros seriam, em sua função oculta e exata, outra coisa senão instrumentos de uma instrução antiproletária dos proletários".

Considerações finais

A crítica de Benjamin às ideologias do progresso sempre esteve voltada para o signo da catástrofe. Seu pensamento com base no romantismo é extremamente pessimista e melancólico, o que não se traduz meramente em um autor fatalista ou cético. A resignação fatalista ou o *Kulturpessimismus* intelectual deve dar lugar a um pessimismo a serviço da emancipação, sobretudo antiprogressista. O otimismo liberal-burguês ou social democrático, cujo programa não é senão *continuum* temporal linear, deve ceder hora ao pessimismo de convergência entre teoria e práxis. Walter Benjamin tomou emprestado o conceito de "organização do pessimismo" em *La Révolution et les Intellectuels*, de Pierre Naville. Naville, então redator da revista *La Révolution Surréaliste*, dizia ser o pessimismo "a fonte do método revolucionário de Marx"; único meio de "escapar às nulidades e às desventuras de uma época de compromisso" (LÖWY, 2002, p. 49, 64).

A partir dessas premissas, Benjamin desenvolveu conceitos críticos inéditos em forma de *diagnóstico* da sociedade moderna e parece ter delegado às crianças a função pedagógica para sua superação. Benjamin nunca perdeu sua desesperada esperança na Revolução, apesar do pessimismo dos seus últimos escritos, mas redefiniu-a através de uma nova imagem alegórica, nas notas preparatórias para as Teses "Sobre o conceito de história", invertendo os lugares comuns da esquerda "progressista": "Marx disse que as revoluções eram as locomotivas da história. Mas talvez elas sejam um pouco diferente. Talvez as revoluções sejam a mão da espécie humana que viaja nesse trem puxando os freios de emergência" (*apud* LÖWY, 2008, p. 213).[15]

Portanto, Benjamin exige à arte e cultura em geral e ao rádio, aqui especificamente analisado, uma tarefa difícil: desfazer a alienação do sensório corporal, restaurar a força instintiva dos sentidos corporais humanos e restituir a experiência perdida, em prol da autopreservação da humanidade; e fazê-lo não evitando as novas tecnologias, mas perpassando-as.

[14] Um elemento essencial dessa *Aufklärung für Kinder* (Ilustração para crianças) consiste em desenvolver uma imunização dos ouvintes contra tudo o que é impacto e sensacionalismo, que reforçam a passividade e o consumismo. O ouvinte deveria aprender a discernir entre comportamento "errado" e "certo", ou seja, entre obediência a apelos mitificadores do poder e uma postura que tornava transparente as artimanhas de seus agentes (BOLLE *apud* SANCHES, 2017, p. 113).

[15] A mesma citação reaparece em LÖWY (2005, p. 93-94), com tradução ligeiramente modificada: "Marx havia dito que as revoluções são a locomotiva da história mundial. Mas talvez as coisas se apresentem de maneira completamente diferente. É possível que as revoluções sejam o ato, pela humanidade que viaja nesse trem, de puxar os freios de emergência".

Nesse sentido, a apropriação prática e teórica do novo meio de comunicação inaugura uma metodologia para a educação e instrução do ouvinte, como contraponto ao uso meramente publicitário e político que o partido nazista impôs aos alemães através do rádio.

Tributário das reflexões benjaminianas acerca da infância e educação, Theodor Adorno procura complementar o quadro analítico após a tragédia da guerra, do fascismo e do holocausto. Ao contrário de Benjamin que busca interromper o curso catastrófico da história, Adorno faz uma análise em forma de *prognóstico*. No quinto capítulo da obra *Educação e emancipação*, intitulado "Educação após Auschwitz", Adorno afirma que a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação, pois a educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. Nesse sentido, como todo caráter forma-se na primeira infância, a educação precisa se concentrar na primeira infância. O único poder efetivo contra o princípio de Auschwitz seria a autonomia, o poder para a reflexão, a autodeterminação, e não-participação. Todo o livro repleto de iluminações críticas quanto ao processo educacional poderia ser sintetizado nesta fórmula: "a função da escola é a desbarbarização da humanidade". A educação das novas gerações deveria se concentrar na educação infantil, pois ali residiria a única possibilidade de criar novos seres humanos totalmente preparados para evitar a experiência de guerra e do Holocausto.

Com esses e outros pensamentos podemos perceber a delicada grandiosidade da contribuição benjaminiana para pensarmos hoje uma ética da produção cultural, conclui Márcio Seligmann-Silva (2010, p. 79) em livro sobre a atualidade de Walter Benjamin. Em um período de crescente radicalização de ideias autoritárias e concepções retrógradas de educação, o legado intelectual de Benjamin permanece atual e pertinente para pensar uma práxis pedagógica libertária, voltada para a emancipação e autonomia, capaz de inverter a *ordem do caleidoscópio*.

Referências:

ADORNO, Theodor. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História*. Destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

_____. *O que é contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo Alemão.* Tradução e prefácio de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1993.

_____. *Magia, técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura; tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Rua de mão única*. Obras escolhidas volume 2. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Charles Baudelaire*: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas volume 3. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

_____. *Ensaios Reunidos*: escritos sobre Goethe. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009.

_____. *Origem do drama trágico alemão*. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autentica, 2011.

_____. *O anjo da história*. Organização e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. *O capitalismo como religião.* Organização Michael Löwy; tradução Nélio Schneider, Renato Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *Imagens do pensamento*, sobre o haxixe e outras drogas. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. *A hora das crianças* (narrativas radiofônicas). Tradução Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

_____. *Rua de mão única, Infância berlinense: 1900*. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. Dois tipos de popularidade: observações básicas sobre uma radiopeça. In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie:* escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BESANCENOT, Oliver; LÖWY, Michael. *Afinidades revolucionárias*: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FARIA, A. L. G. *Et al* (Orgs.). *Por uma cultura da infância*: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

FARIA, Ana L. G. de; FINCO, Daniela (Orgs.). *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin.* São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Limiar, aura e rememoração*. Ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin:* o marxismo da melancolia. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin*: aviso de incêndio, uma leitura das teses sobre o conceito de História. Tradução de Wanda Nogueira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Romantismo e messianismo*: ensaios sobre Georg Lukács e Walter Benjamin. Tradução de Myrian Veras Baptista. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. *A estrela da manhã:* surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Redenção e utopia*: o judaísmo libertário na Europa Central: um estudo de afinidade eletiva. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MATOS, Olgária Chain. *Benjaminianas*: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

ROUANET, Sérgio P. *Édipo e o anjo*: itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANCHES, Eduardo Oliveira. *Cultura da criança e modernidade*: experiência e infância em Walter Benjamin. Tese (Doutorado), Unesp Presidente Prudente, 2017.

WITTE, Bernd. *Walter Benjamin*: uma biografia; tradução Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Recebido em 2019-01-23
Publicado em 2019-12-18